

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



A educação antirracista no ensino médio: escriturais juvenis no campo e na educação profissional

Ana Lise Costa de Oliveira ^{*1}, Pedro Lucas Oliveira Santos

¹ Centro Territorial de Educação Profissional Bacia do Jacuípe II João Campos

* alisecosta@gmail.com

Trabalhos completos – GT 01 – Etnicidades, Educação e Memória

RESUMO

Neste texto, tematizamos sobre as vivências identitárias antirracistas da coordenadora, de professores e jovens estudantes em duas escolas públicas de ensino médio em Riachão do Jacuípe, Bahia. Buscamos promover uma educação étnico-racial decolonizadora do saber/ser/viver centrada na pedagogia griô (PACHECO, 2006; 2015). Metodologicamente o estudo foi fruto de uma pesquisa-ação (BARBIER, 2002), cujos resultados demonstraram que as práticas pedagógicas centradas na oralidade, no diálogo intergeracional e nas escriturais, promoveram um singular encontro ancestral entre a comunidade escolar e os griôs mais velhos da comunidade de chapada e sede. Essas vivências juvenis foram legitimadas pelas narrativas de si, das quais se destacam a busca pela ancestralidade e pela identidade na travessia do “tornar-se negro/negra” na atualidade, em pleno sertão baiano. Portanto, ao (re)conhecer reverenciar e referenciar nossos ancestrais, estamos (re) afirmando a nossa identidade afro-indígena, para que nos desafiemos sempre a existir/resistindo, através da educação para as relações étnico-raciais positivas.

Palavras chave: Educação étnico-racial e Juventudes. Escritas de si no ensino Médio. Pedagogia griô.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Este artigo se insere nas discussões da XX Semana de Educação da Pertença Afro-brasileira, dentro do grupo de trabalho Etnicidades, Educação e Memória. A temática do evento aborda a questão dos Movimentos Contracoloniais: etnicidades e amefricanização dos currículos. Esse instigante tema abre espaço para que se discuta sobre a diversidade de práticas e vivências, pelas quais uma gama de pesquisadores e pesquisadoras se debruçam em busca da valorização étnico-racial dos nossos povos originários e afro-brasileiros, numa perspectiva contra-hegemônica e insurgente. Assim, ao seu modo, cada pesquisador (a) vai anunciando seus propósitos, seus achados que

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



ascendem e valorizam a subjetividade, a cultura, os modos de ser e de viver de negras, negros do litoral ao sertão baiano.

Particularmente, a nossa pesquisa se aquilomba em dois contextos da educação pública estadual do ensino médio, no território da Bacia do Jacuípe, município de Riachão do Jacuípe (BA). O primeiro fica em uma comunidade rural, distrito de Chapada. O segundo se localiza na sede do referido município.

No entanto, a riqueza cultural jacuipense parece contrastar com o “silenciamento” das práticas antirracistas amefricanizadas. O racismo ainda é presente nas comunidades, é velado e, muitas vezes, o caminho para se desvelar tal situação, é o caminho da escola no espaço de novas práticas e formas de vivências diferenciadas.

Assim, o desejo pela pesquisa partiu de uma problemática que contextualizou a dificuldade da comunidade escolar de contribuir para a efetivação de uma pedagogia antirracista. Dessa forma, indagamos: como os professores do ensino médio têm lidado com a temática da diversidade, especialmente a afrodescendência, em seus contextos educativos? Decorrente disso, as suas práticas vêm subvertendo ou reforçando uma pedagogia antirracista? Logo, objetivamos refletir sobre a valorização e o pertencimento da cultura afro-brasileira e local, destacando a experiência de pesquisa com foco na promoção da educação étnico-racial nas escolas, indo ao encontro da pedagogia griô.

Dessa forma, estivemos referendados, por um lado, pela legislação educacional antirracista: Brasil (2003; 2008); por outro lado, pelas práticas em educação étnico-racial: Munanga (2005), Gomes (2012), Hampatê Bà (2010), Pereira (2018). Com efeito, nosso recorte teórico-metodológico está centrado nas africanidades e com ênfase na pedagogia griô, conforme Pacheco (2006,2015). De uma pesquisa-ação, nasceu este estudo, tendo como *lócus* duas escolas públicas da rede estadual nas modalidades campo e educação profissional e jovens estudantes, como sujeitos participantes. Ademais, a metodologia foi qualitativa, estudo do tipo descritivo de inspiração etnográfica, análise de

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



conteúdo como modelo analítico, e os instrumentos de coleta de dados o grupo focal e os diários de bordo. (BARDIN 2009; BARBIER, 2002; MINAYO, 2010).

É sob a benção dos nossos grãos mais velhos que seremos guiados na leitura e reflexões deste texto pelas forças ancestrais afro-indígenas locais. Antes, peço licença e benção à ancestralidade na pessoa de minha avó rezadeira Dona Ana ainda em atividade aos 101 anos, neste julho das pretas. *Ialodé! Ialodé, iá!*

DIALOGANDO COM A ORALIDADE E AS ESCRIVÊNCIAS DAS JUVENTUDES

As vivências e escrituras antirracistas na aventura de tornar-se negro/negra/negro e conviver com as diferenças são o tema em investigação nos projetos de educação para as relações étnico-raciais (ERER) desenvolvidos nas nossas escolas desde 2019 aos dias atuais, sempre entre os meses de abril a novembro tendo a culminância na Semana da Consciência Negra, no Colégio Estadual do Campo Professor Dídimo Mascarenhas Rios, no povoado de Chapada. E, desde 2024, vem sendo desenvolvido como grupo de pesquisa no Centro Territorial de Educação Profissional Bacia do Jacuípe II João Campos em Riachão do Jacuípe.

Nesse percurso vivencial diferentes realidades geracionais se entrecruzaram: jovens, adultos (coordenadora e professores), e os mestres grãos da comunidade local. Com os projetos da ERER no propósito de uma educação legalmente antirracista (Brasil 2003, 2008; Munanga, 2005; Gomes 2012; Hampatê Bà, 2010), mobilizamos iniciativas em longo prazo que pudéssemos agregar os saberes dos mais velhos e sua oralidade na formação das identidades juvenis. Nesse processo de convivência identitária, de mediação de saberes pela pedagogia grão fomentamos uma educação contextualizada e comunitária.

Assim sendo, buscamos tematizar, aqui, os sentidos atribuídos pelos jovens diante da vivência com os mestres grãos, tendo esta como ponto culminante de expressão sociocultural da prática pedagógica no espaço escolar investigado. Sentido estes percebidos por meio de duas sessões de grupo focal realizadas com estudantes da 3ª série do ensino médio e alguns de seus relatos orais e escritos. Tomou-se como base a análise de conteúdo de Bardin (2009) e a análise

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



temática (Minayo, 2010), nas quais encontramos os dois seguintes destaques categóricos: ser/existir griô no sertão; escrituras antirracistas.

Na categoria “ser/existir griô no sertão” os jovens da escola do campo adentraram na pesquisa de inspiração etnográfica e foram à busca da localização e do mapeamento, quem eram/são e o que faziam/fazem os mestres griôs. Ainda na sala de aula tiveram discussões com os docentes e a coordenadora sobre o sentido da palavra griô. Identificaram nove mestres griôs na comunidade chapadense: Seu Tuta (sambador de chula), Seu Ladinho (político e historiador), Ambuque (capoeirista), Seu Goinha (vaqueiro), Dona Priquita (parteira), Seu Chiquinho (dono de armazém e bateadeira de sisal), Dona Zifinha (rezadeira), Dona Maria Amada (agricultora, dona de casa de farinha), Ezequiel (cordelista), Mãe Preta (parteira), Dona Nieta (quituteira), Dona Maria (rezadeira), dentre outros/outras. Todos estes, exceto Dona Maria, residentes no povoado, e que, gentilmente, abriram as portas de suas casas, locais de importância para demonstrar a cultura que aprenderam com seus mais velhos.

Para os jovens estudantes, os griôs são: “os gritadores do nosso sertão” (Naiana, 17 anos), “os contadores de nossa história” (Jean, 17 anos) “os nossos mais velhos” (Raquel, 18 anos) “aqueles senhores e senhoras que vivem a cultura popular” (Denver, 19 anos) “os guardadores da palavra, dos dons e da sabedoria de seu povo” (Hiasmin, 17 anos). Os sentidos atribuídos os griôs convergem para a ideia de guardião/guardiã do patrimônio cultural no sentido material e imaterial. É marcante também a referência de griô à geração mais idosa e à tradição oral. Griô é o abasileiramento de *griot*, palavra francesa que diz respeito os genealogistas, contadores de histórias, narradores, músicos poetas populares, importantes agentes de cultura. (PACHECO, 2006; 2015).

Ademais, em confirmação ao dito anterior, historicamente o termo griô tem origem no holocausto da escravidão, em que os “negreiros” portugueses percebiam que nos portos de embarque de escravos havia homens com vestes e gestos diferentes que gritavam a história de seus povos; eles faziam isso para que aquelas pessoas escravizadas, prestes a embarcar a terras desconhecidas, jamais

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



se esquecessem de sua ancestralidade. A estes homens altivos, os portugueses deram o nome de “gritadores”, daí *griots* no francês. (CAIRES, 2015).

No Brasil o termo se identifica com o nascedouro da Pedagogia Griô “Declarei ter vido na África pra viv à ciar a tradição Griô e pedir permissão para a tradução e uso do termo Griô no en Brasil, que foi abasileirado desde 1998 nas caminhadas do Velho Griô em Lençóis, Bahia, diz Márcio Caires.” (CAIRES, 2019). Assim os griôs ativos caminham de aldeia em aldeia mantendo viva a linha de cultura de seus povos. São culturas de transmissão oral, mas, nem por isso, menos complexas e profundas que a cultura escrita. A riqueza da tradição oral nos transmite um saber ancestral que vai passando de geração a geração em um repertório de culturas, ofícios e saberes diversos.

No avançar para águas mais profundas no mar do conhecimento, trazemos a categoria “escrivências antirracistas” composta de escritas dos diários de bordo das pesquisas de campo nas casas dos mestres griôs no campo e na sede do município. Essa categoria nos remete as reflexões obtidas nas rodas de diálogos realizadas com a coordenadora, com os professores, estudantes e mestres griôs. Os temas geradores eram discutidos em consenso com os pares. O racismo, a intolerância religiosa, identidade negra, cultura campesina foram alguns temas que circundaram os pensamentos e as escritas estudantis. Como é um movimento de idas e vindas, o reconhecimento da negação/apagamento da identidade afro-indígena é sempre o primeiro passo para enfrentarmos a colonialidade, avançarmos na descolonização de nossas mentes e nos libertarmos dos ditames e vieses majoritariamente colonialistas da história oficial.

Desses encontros que tivemos destaque duas visitas especiais: a visita do mestre de capoeira Ambuque e a visita do grupo da samba-chula Chuva de prata. Nas conversas em grupo focal os colegas deixaram bem claro que a chegada desses griôs na escola foi um diferencial. Se já tinham aprendido com os griôs no seio da comunidade, confirmaram uma expectativa de seria muito melhor esse aprendizado. Houve uma roda de capoeira na presença de Ambuque que aproveitou também seu momento para contar sua trajetória. Eu achava que ele com aquele jeito ‘rasta’ não passava de um bêbado, um doido. Me enganei, pois vi que ele, mesmo marginalizado tem potencial seu, aprendeu capoeira trouxe pra Chapada, produz seus próprios instrumentos e ainda ensina aos outros. Diário Paulo, 17 anos, 3ºano EM campo.

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Nós estamos muito felizes em realizar esse trabalho com sobre a educação antirracista. Hoje fomos conhecer a história de vida de uma rezadeira. E o mais incrível foi saber que ela é a nossa Tia Maria que fica na cozinha da escola e ajuda a fazer nossa merenda. Nós reunimos aos pés de uma árvore no quintal da escola e ficamos ouvindo contar sua história. Ela falava com tanto gosto da fé que aprendeu com suas avós e outras parentes e de como o remédio para nossas dores está na natureza. Nós gravamos e depois fomos assistir, debater. Foi um aprendizado incrível, porque os grãos e as grãos estão em toda parte, basta a gente emprestar os nossos ouvidos para escutar e belos ensinamentos virão junto a com a nossa história. (Diálogo, Maria Hellena, 16 anos, 2º ADM sede).

Ao lermos esses fragmentos de diários e diálogos notamos um zelo e curiosidade pela preservação da memória dos mais velhos e a importância dada aos jovens estudantes àquelas pessoas tão comuns e que agora se tornam grãos diante de seus olhos, que nos remete as narrativas juvenis produtoras de identidade, bem como a luta contra a negação da identidade imposta pela colonialidade. Imersos em cada espaço cultural visitado, ora na sede, ora no campo, os jovens se dão conta da importância da memória e da tradição oral para a perpetuação de um ofício. Além disso, sentem necessidade de registrar toda a história de vida contada sem perder nenhum detalhe. Entendem que a pessoa de cada grão se funde ao seu ofício, à sua importância e função singular/única no contexto social da comunidade.

Ao modo de Conceição Evaristo que cunhou o termo *escrevivência*, esses jovens estudantes também passam a escrever seus diários se colocando na história que estão testemunhando. Nela se esmeram para contar o que sentiram o que viram o e o que viveram ao ter contato com histórias fundantes do lugar em que vivem. Os estudantes não escrevem apenas um relato, mas escrevem o que é vivido sentido por eles na escuta dos grãos. Para a autora esse conceito representa muita veracidade e afirma:

Quando eu usei o termo *é... escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, *é...* me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, *né...* a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, *é...*, ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017, grifos nossos).

Além disso, as escritas sobre ele/elas, sobre nós e sobre os outros demarcam a nossa identidade e sobre quais caminhos epistemológicos iremos percorrer. Durante muito tempo a nossa mentalidade foi colonizada por estereótipos racistas e de negação/apagamento da nossa identidade. O momento atual é de (re) afirmarmos a nossa identidade deixando aflorar o melhor em nós. Cabe-nos também trabalhar com o discurso da colonialidade no sentido da desconstrução do mesmo em nossas mentes. Para tanto, se faz necessário combater, questionar o que está posto, desafiar verdades já preestabelecidas. Com o enfretamento do racismo, do preconceito e da discriminação, em suas bases epistemológicas podemos encontrar fragilidades e razões para não mais perpetuar tais abusos. Com o apoio de uma epistemologia centrada nos saberes dos nossos povos originários e tradicionais teremos a necessidade de sempre buscarmos referências positivas para forjar nossa identidade.

[...] a dinamicidade da identidade, que, ao se constituir, movimenta os sujeitos que a vivenciam, destacadamente, os interessados na superação dos estereótipos vinculados à cor/raça, produzindo processos de redefinição da própria identidade negra. [...] os discursos promovidos pelos movimentos de resistência, voltados, para positivação da identidade negra e os ligados a cultura, é onde situo as ações de afirmação por textualidades negras. (PEREIRA, 2018, 36, 38).

PALAVRAS (IN)CONCLUSIVAS

Neste artigo, buscamos tematizar sobre as vivências identitárias antirracistas no ensino médio jacuipense. Para não terminar, nossas palavras inconclusivas se resumem na reflexão impactante da jovem Hiasmin: “acredito que é de suma importância a existência desses e de outros griôs, pois assim garantimos a perpetuação das nossas culturas, que nós só teremos acesso com o contato direto a eles”. Esse pensar juvenil se assemelha a Krenak (2022) quanto discorre a tese que o futuro é ancestral e à Hampatê Bà com a filosofia ubuntu. (2010), o gesto *ubuntu* simplifica o “eu” e o “nós” conectados, a coletividade e o bem comum são a prioridade para a nossa sobrevivência e a do planeta.

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Nisso consiste a pedagogia griô, o que inspirou a dinâmica dessas experiências riquíssimas nos contextos escolares. Quando fizemos o movimento de ir até os griôs e de trazê-los para a escola, (re)elaborar o conhecimento aprendido e devolver para a comunidade em forma de álbum do patrimônio imaterial e encontros dialógicos, promovemos uma compreensão de como as suas experiências vividas no contexto escolar determinam a constituição de suas identidades e nutri a formação das identidades juvenis.

Os objetivos e a problemática em questão foram investigados na pesquisa-ação, traduzido nos projetos da ERER sinalizados, cujos resultados demonstraram que as práticas pedagógicas centradas na oralidade, no diálogo intergeracional e nas escrituras, promoveram um singular encontro ancestral entre a comunidade escolar e os griôs mais velhos da comunidade de chapada. Essas vivências foram legitimadas pelas narrativas de si, das quais se destacam a busca pela ancestralidade e pela identidade na travessia do “tornar-se negro/negra” na atualidade, em pleno sertão baiano.

A juventude investigada admite que acredita em griôs, que estes são cruciais para a formação identitária de uma comunidade. Mais do que isso, todos aprenderam a inserir nos espaços pedagógicos da escola e da comunidade as questões da ancestralidade, guiadas pelos velhos griôs, para que as gerações presentes e vindouras apreciem, perpetuem e (re) inventem a cultura popular no centro da roda, da educação e da vida.

Toda a discussão deste artigo revela a importância da pedagogia griô para a construção de uma educação étnico-racial, que se traduz em (re) afirmação da identidade, pela via da ancestralidade. A escola é um lugar privilegiado para a descolonização do saber e do combate ao racismo, preconceito e discriminação, através de uma pedagogia antirracista, afirma Gomes (2012). O traço inovador do projeto, na nuance aqui apresentada pelos jovens, coordenadora e professores, em sua unanimidade foi a tradição oral traduzida em vivência, através da ativação das memórias afetivas ancestrais de cada um,

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



bem como das memórias ativadas e materializadas em relatos escritos com o potencial das vivências.

Reconhecemos que não é fácil pôr em prática uma pedagogia antirracista, principalmente se os discursos que usamos são ainda colonizadores, referendados em histórias dos negros e indígenas que não se aproximam de nossa afrodescendência. Aprendemos que de nada, ou pouco adianta, estudarmos sobre a História da África e dos africanos, bem como dos afro-brasileiros e indígenas, se não amefricanizarmos as nossas ações pedagógicas e atrelamos essas etnias à ancestralidade da nossa cultura e de como nós somos reconhecidamente seus herdeiros. Herdeiros/herdeiras sim de uma mistura genealógica que nos faz povo sertanejo jacuipense, um povo majoritariamente afro-indígena.

Portanto, coube/cabe a nós da comunidade escolar, guiados pela ancestralidade e também por uma boa formação pedagógica continuada, assumir o compromisso de verdadeiramente realizar uma educação antirracista contínua, invertendo a lógica conteudista e pontual e valorizar no seu contexto a tradição oral, histórias e memórias de povos originários e africanos e afro-brasileiros, com eles e por eles.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.
- BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes a bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 4 mai. 2015.
- _____. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: DF,

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



10 mar. 2008. Disponível em: < www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm >. Acesso em 4 mai. 2015.

CAIRES, Márcio. **Caminhada de iniciação de Márcio Caires* na África do Oeste.** *Dossiê Pedagogia Griô*, ano 2, n.3, Núcleo DIVERSITAS/FFLCH/USP, p.100-133, 2015.

_____. **O que é Griô?** In: III SEMINÁRIO GRIÔ: Culturas Populares, Identidades e Resistência, outubro de 2019, Salvador. Anais: UFBA, 2019, p. 129-130.

EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural:** depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 15 abr. 2021

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das letras 2022.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida.** Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

_____. **A Pedagogia griô: educação, tradição oral e política da diversidade.** *Dossiê Pedagogia Griô*, ano 2, n.3, Núcleo DIVERSITAS/FFLCH/USP, p.22-99, 2015.

GOMES, N.L. Práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639.** 1ª edição/Nilma Lino Gomes (org). Brasília: MEC/UNESCO, 2012.

HAMPATÉ BÂ. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

MINAYO, M.C. **Pesquisa. social:** teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Ministério da Educação: SECAD, 2005.

PEREIRA, Isabelle Sanches. **“Onde eu me acho no direito de escrever”:** reflexões sobre obras literárias de autoria de mulheres lideranças do candomblé e sua inserção na escola. 2018, 273 folhas. Tese, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/>. Acesso em: 03/05/2023.